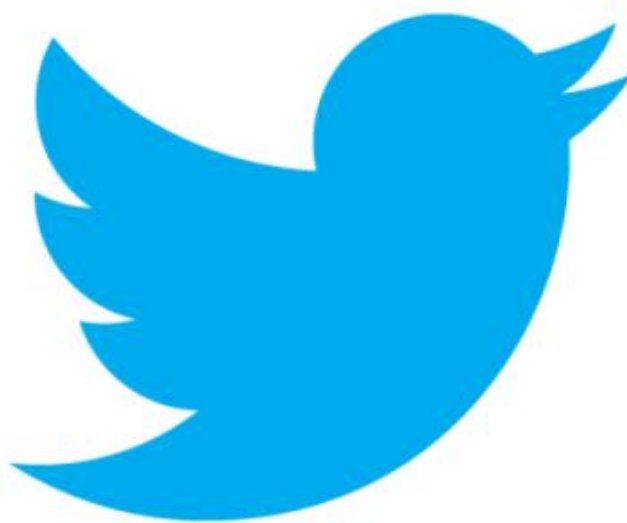


Professor, segue os símbolos indicados no final da lição. Eles também estão disponíveis em um arquivo de *PowerPoint*, caso preferia projetá-los, em vez de apresentá-los impressos.









Caro professor, abaixo você encontra na íntegra o texto *Linguagem Figurada*, extraído do livro *Mais que vencedores*, de William Hendriksen, publicado pela Editora Cultura Cristã. Ele é importante para você se aprofundar no assunto. No final, ele foi dividido em partes para ser trabalhado pelos grupos, caso você opte por isso, conforme a sugestão 1, que está na página 12 da revista do professor:

Opção 1 – Disponha seus alunos em cinco grupos para que analisem linguagem simbólica relacionada a uma grande variedade de categorias: natureza, pessoas, nomes, números, cores e criaturas. Para isso, distribua aos grupos o texto que está disponível em nosso site (para acessá-lo siga as instruções no começo da revista, e baixe o *Apoio didático* – lição 3). Dê 20 minutos para os grupos analisarem o texto e se prepararem para as apresentações. Distribua cartolina e pincel, caso eles achem necessário. Depois, reúna-os e faça as apresentações. Faça suas considerações, se necessário.

LINGUAGEM FIGURADA

Assim como os livros proféticos e a literatura de sabedoria do Antigo Testamento estão repletos de sinais, o último livro do Novo Testamento também apresenta a sua parte de símbolos. Por vezes, João interpreta um símbolo, como no caso “daquela antiga serpente, chamada o diabo, ou Satanás” (12.9) ou das águas que vê como “povos, e multidões, e nações, e línguas” (17.15).¹ Por outras, o contexto, o emprego e as características de uma palavra fornecem uma explicação. Precisamos levar em conta uma descrição adequada da linguagem figurada.

1. Descrição

O mundo está repleto de símbolos que transmitem significados diferentes às pessoas. Por exemplo, a bandeira de uma nação é fonte de orgulho para um cidadão dessa nação que, durante uma viagem ao exterior, vê o símbolo da sua pátria. Mas o cidadão de uma nação que fora tratada de maneira injusta pelo governo e pelas forças armadas daquele país, ao avistar a bandeira dele sente aversão e repulsa. A cruz é um símbolo muito rico para um cristão, mas suscita antipatia nos seguidores de muitas outras religiões. Para um espectador, um símbolo transmite um significado na medida em que ele teve contato direto ou indireto com a área representada pelo símbolo. Um dicionário define o símbolo da seguinte maneira: “Algo que representa ou sugere algo diferente por via de uma relação, associação, convenção ou semelhança acidental; *especialmente* um sinal visível de algo invisível”.²

Tanto o Antigo como o Novo Testamento estão repletos de linguagem simbólica relacionada a uma grande variedade de categorias: natureza, pessoas e nomes, números, cores e criaturas. Analisemos cada uma em maior detalhe.

2. Natureza

Deus advertiu Adão e Eva, ordenando que não comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal, e pôs querubins com espadas flamejantes na entrada do jardim do Éden, para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 2.9, 17; 3.22, 24). Referências à árvore da vida não são encontradas apenas no início, mas também no final da revelação de Deus (Ap 2.7; 22.2, 14, 19). A linguagem simbólica do Apocalipse é evidente em 22.2: “dos dois lados do rio estava a árvore da

¹ Merrill C. Tenney (*Interpreting Revelation* [Grand Rapids: Eerdmans, 1957], p. 187) apresenta uma lista de dez símbolos que João explica no seu Apocalipse: as sete estrelas são os sete anjos das igrejas (1.20); os sete candelabros são as sete igrejas (1.20); as sete lâmpadas são os sete espíritos de Deus (4.5); as taças de incenso são as orações dos santos (5.8); a grande multidão representa aqueles que surgem da grande tribulação (7.13-14); o grande dragão é o diabo, ou Satanás (12.9); as sete cabeças da besta são as sete montanhas (17.9); os dez chifres da besta são os dez reis (17.12); águas representam povos, multidões, nações e línguas (17.15); a mulher é a grande cidade (17.18).

² *Webster's new collegiate dictionary* (Springfield, Mass.: Merriam-Webster, 1981), p. 1172).

vida, que produz doze tipos de fruto, dando seu fruto de acordo com cada mês do ano. E as folhas da árvore eram para curar as nações” (compare com Ez 47.12).

Deus ordenou a Elias que ficasse no monte Sinai porque o Senhor estava prestes a passar. Passou um grande e forte vento, um terremoto fez a montanha estremecer e houve um fogo, mas Deus não estava em nenhum deles. Ele apareceu como voz mansa (1Rs 19.11-12). O livro de Apocalipse está repleto de expressões simbólicas relacionadas à natureza, incluindo um forte vento (6.13; 7.1), um terremoto (8.5; 11.19; 16.18), um fogo intenso (8.7; 20.9) e um período de silêncio (8.1).

Jesus instituiu os sacramentos do batismo com água e da Ceia do Senhor com pão e vinho. Seu corpo ferido e o sangue derramado simbolizam que o crente recebeu perdão, que foi reconciliado com Deus e que agora ele compartilha das riquezas e da glória eternas. Quando ensinou a respeito da lei, Jesus usou o símbolo do jugo (Mt 11.30). E quando Paulo descreve a armadura espiritual do cristão, ele fala dos calçados do evangelho da paz, do cinto da verdade, da couraça da justiça, do escudo da fé, da espada do Espírito, do capacete da salvação e da comunicação no Espírito (Ef 6.13-18). O autor do Apocalipse recorre ao simbolismo de uma voz como uma trombeta (4.1), de um mar de vidro (4.6), de um céu enrolado como um livro (6.14) e de um rio da água da vida (22.1).

3. Pessoas e nomes

Muitas vezes, o Novo Testamento emprega nomes não como referência às pessoas como tais, mas à posição, a importância e o trabalho delas. Abraão, por exemplo, personifica o pai de todos os crentes; e Moisés, a lei de Deus (Lc 13.16; 19.9; 24.27). Moisés e Elias se juntam a Jesus no monte da Transfiguração, onde Moisés representa a lei; e Elias, os profetas (Mt 17.1-8). Paulo chama Adão de pai da raça humana (Rm 5.14; 1Co 15.22, 45), e Tiago retrata Jó como a encarnação da perseverança (Tg 5.11).

O Apocalipse de João registra nomes que ilustram a fidelidade (Antipas; 2.13), o engano (Balaão; 2.14) e a sedução (Jezabel; 2.20). Ele menciona Sodoma e o Egito como símbolos da imoralidade e da escravidão, respectivamente (11.8). Para ele, o monte Sião simboliza a nova Jerusalém, que descenderá dos céus como a morada para Deus e seu povo (Ap. 14.1; 21.2-3).

4. Números

Já falamos sobre alguns números, mas, para abarcarmos o assunto por completo, devemos analisar também o significado específico dos números.³ Assim, o número *um* indica unidade, que, para os judeus, está codificada em seu credo: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt 6.4). *Dois* é o número de pessoas necessárias para validar um testemunho diante de um tribunal da lei; no Apocalipse (11.3), duas testemunhas são os representantes de Deus da igreja na terra. O número *três* descreve o Deus trino (1.4-5). *Quatro* se refere à criação de Deus, como evidenciado pelas quatro direções do vento e as quatro estações do ano. O *cinco* é um número redondo e, por isso, não tem um significado simbólico muito grande. Assim, cinco meses (9.5, 10) indicam um período de duração indefinida. *Seis* simboliza a tentativa de Satanás de alcançar a completude, mas sem nunca conseguir atingi-la; daí o número da besta ser um seis triplo (Ap 13.18). Em todas as Escrituras, mas especialmente no Apocalipse, *sete* significa completude.⁴ O número *dez* representa a plenitude no sistema decimal, o número *doze* exemplifica a perfeição⁵ e o número *mil* evoca a multidão. Portanto, o número *12 mil estádios* que descreve o comprimento, a

³ Para um estudo detalhado sobre o significado simbólico dos números no Apocalipse, veja James L. Resseguie, *Revelation unsealed: a narrative critical approach to John's Apocalypse*, BIS 32 (Leiden: Brill, 1998), p. 48-69; Adela Yarbro Collins, “Numerical symbolism in Jewish and early apocalyptic literature”, em *ANRW*, II.21.2, p. 1221-1287.

⁴ O conceito relacionado ao *sete* é proeminente no Antigo Testamento; a palavra *bom* ocorre sete vezes em Gn 1; Deus criou a semana com sete dias. Sete sacerdotes, que tocavam sete trombetas, tiveram que marchar ao redor de Jericó sete vezes no sétimo dia (Js 6.4). E Daniel fala de sete “setes” (9.25).

⁵ Filo (*Sobre recompensas e punições* 65) afirma que o número doze, como nas doze tribos de Israel, é “o número perfeito”.

largura e a altura da nova Jerusalém, está relacionado à perfeição na forma de um cubo (21.16).⁶ O cubo possui doze arestas, ou seja, quatro no topo, quatro na base e quatro nos lados. Uma aresta mede 12 mil estádios, que, multiplicados por doze, resulta em 144 mil estádios. A espessura ou altura dos muros da cidade mede 144 cúbitos, que equivalem a 12 ao quadrado. Finalmente, cada uma das doze tribos de Israel consiste de 12 mil, totalizando 144 mil (7.4-8), que também é o número dos remidos que estão diante do Cordeiro (14.1, 3).⁷

O número de cavaleiros destruídos pelos quatro anjos era 200 milhões (9.16). Esse número simboliza um exército incalculável de homens e cavalos, identificado como forças opostas a Deus, a seu Ungido e a seu povo. Os anjos são enviados para destruir essas forças, e um terço da humanidade é morta. O emprego da expressão “tempo, tempos e uma metade do tempo” (12.14) corresponde a 42 meses ou 1.260 dias (11.2-3; 12.6; 13.5). A expressão “tempo, tempos e uma metade do tempo” provém de Daniel 7.25, que se refere a um período de três anos e meio. Os números claramente transmitem uma mensagem simbólica, pois ninguém é capaz de identificar com precisão a data da consumação.

5. Cores

As cores mencionadas por João em Apocalipse são o branco,⁸ o vermelho (6.4; 12.3), o escarlata (17.3-4; 18.12, 16), o preto (6.5, 12), o pálido e o verde (6.8; 8.7), o azul (9.17), o amarelo (9.17) e o púrpura (17.4; 18.12, 16). O dourado é outra cor; nesse livro, ocorre inúmeras vezes, seja como adjetivo descritivo, seja como substantivo.

No caso de algumas cores mencionadas nas Escrituras, o contexto parece fornecer um significado simbólico. O branco, por exemplo, é a cor que indica santidade, pureza, vitória e justiça. Deus disse ao povo de Israel: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1.18; veja Sl 51.7); em sua transfiguração, as vestes de Jesus se tornaram resplandecentes, brancas como a neve (Mc 9.3); e o anjo do Senhor no túmulo de Jesus estava vestido de branco (Mt 28.3). Do mesmo modo, no Apocalipse, as roupas dos santos no céu são brancas (4.4; 6.11; 7.9, 13-14; compare com 3.4-5, 18). O cavaleiro branco é vitorioso e vem acompanhado por anjos em vestes brancas e cavalos brancos (6.2; 19.11, 14). O Filho do Homem, assentado sobre uma nuvem branca com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice na mão, aparece como conquistador vitorioso que ceifa a seara (14.14); e, por fim, o trono de Deus é branco para expressar juízo e justiça (20.11).

O vermelho é a cor da guerra, evidenciado pelo sangue derramado na terra quando o cavaleiro do cavalo vermelho ostenta sua grande espada (6.4). O dragão vermelho está preparado para matar todos os filhos homens ao nascerem e trava guerra contra o arcanjo Miguel e seus anjos (12.3, 7-9).

O preto representa a fome, ilustrada pelo preço extremamente inflacionado de alimentos: “Um quarto de trigo por um denário [o salário de um dia de trabalho] e três quartos de cevada por um denário, mas não danifique o azeite e o vinho” (6.6). O preto também representa a escuridão, quando o sol deixa de fornecer a sua luz (Is 13.10; Mt 24.29; Ap. 6.12).

Das cores que João menciona no Apocalipse, o branco, o vermelho e o preto são as mais notáveis. Enquanto a cor púrpura indica riqueza (18.16), o dourado indica a perfeição do céu (21.18, 21).⁹ Outras cores ocorrem raramente nesse livro, e seu contexto não esclarece seu uso.

⁶ Consulte Sweet, *Revelation*, p. 15. Homer Hailey (*Revelation: an introduction and commentary* [Grand Rapids: Baker, 1979] p. 46-47) chama o número doze de “uma ideia religiosa ou espiritual”. Gregory K. Beale (*The Book of Revelation: a commentary on the greek text*, NIGTC [Grand Rapids: Eerdmans, 1998], p. 61) ressalta que esse número ocorre doze vezes na descrição da nova Jerusalém (21.9-22.5).

⁷ Compare com Henry Barclay Swete, *Commentary on Revelation: the greek text with introduction, notes, and indexes* (1911; reimpressão, Grand Rapids: Kregel, 1977), p. cxxxv. Ele fornece uma lista dos números que ocorrem em Apocalipse: 2, 3, 3½, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 24, 42, 144, 666 (ou 616), 1.000, 1.260, 1.600, 7.000, 12.000, 144.000, 100.000.000 e 200.000.000.

⁸ Ap 1.14 (duas vezes); 2.17; 3.4, 5, 18; 4.4; 6.2, 11; 7.9, 13, 14; 14.14; 19.11, 14 (duas vezes); 20.11.

⁹ Entre outros, veja Gervais T. D. Angel, *NIDNTT*, 1:205; e Joyce G. Baldwin, *NIDNTT*, 2:96.

6. Criaturas

João escolheu inúmeros representantes do mundo animal para ilustrar certos conceitos. Os animais de quatro patas incluem um cavalo para montaria (6.2-9), um cordeiro para o abate (5.6), um leão por sua boca devoradora (13.2), um urso por suas patas poderosas (13.2), um boi por sua força (4.7) e um leopardo por sua velocidade (13.2). Os répteis são uma serpente que representa Satanás (12.9, 15; 20.2), um escorpião por causa de seu aguilhão (9.3, 5, 10) e sapos que representam espíritos do mal (16.13). Os pássaros são os abutres que se alimentam de cadáveres (19.17-18) e a águia com sua grande envergadura (8.13). Entre os insetos encontramos os gafanhotos que representam o flagelo (9.3). Todas essas criaturas contribuem cada uma do seu jeito para o simbolismo do Apocalipse.

Conclusão

Nenhum outro livro apresenta tantas ocorrências do termo *grande*, expressado pela palavra grega *megas* e traduzido por “alto”, “enorme” e “intenso”. O que João vê só pode ser relatado em termos de tamanho, volume, intensidade e importância: anjos com vozes tão altas que cada criatura pode ouvi-los (p. ex., 6.10); enormes pedras de granizo, cada uma pesando mais do que 460 quilos (16.21); calor intenso (16.9); e Babilônia, a Grande (18.2).

No entanto, nem todo detalhe é simbólico e precisa ser interpretado. Quando explicamos o conteúdo de Apocalipse, mantemos em mente a mensagem central de uma passagem e levamos em consideração os detalhes em sua natureza figurativa e descritiva. A mensagem é de importância primária; os detalhes, de importância secundária. A não ser que a mensagem exija uma interpretação das partes individuais, não devemos procurar por um significado mais profundo para cada componente.¹⁰ Nem toda informação no Apocalipse é simbólica. Quando o autor escreve que a grama é verde (8.7) e que a couraça é vermelha, azul e amarela (9.17), ele está simplesmente descrevendo os objetos. Quando palavras como *verde*, *azul* ou *amarelo* ocorrem apenas uma vez em certo contexto, não existem razões para suspeitarmos de uma linguagem simbólica. Outras passagens se referem à História, como o exílio do autor na ilha de Patmos (1.9), o dia do Senhor (1.10), as cartas às sete igrejas (cap. 2 e 3) e os versículos finais do capítulo 22. Uma alusão à História ocorre no nascimento do filho homem que é arrebatado para o céu (12.5). João apresenta o resto do Apocalipse em visões introduzidas pela expressão repetida *Eu vi*.

A conclusão que devemos tirar é que números, imagens e expressões de grandeza precisam ser interpretados como símbolos que representam a noção de totalidade, plenitude e perfeição. Grande parte do simbolismo de João tem sua origem no Antigo Testamento e no contexto eclesiástico em que ele viveu. Lembremos que a mente judaica do século 1º. recebia e apresentava informações por meio de imagens, ilustrações e símbolos. Em contraste, a mente grega dessa era lidava com conceitos abstratos que ela analisava e explicava com grande exatidão verbal. Apesar de João ter vivido bastante tempo num ambiente grego e ter escrito seu livro na língua grega, sua composição reflete uma mentalidade oriental que comunica a revelação com a ajuda de imagens figurativas. A mente hebraica vê Deus como castelo, rocha, escudo e fortaleza (Sl 18.2). E essas imagens precisam ser vistas na sua totalidade e não em relação a cada detalhe individual. João escreveu o Apocalipse sob uma perspectiva do Antigo Testamento.

Os textos para o trabalho dos grupos estão nas páginas seguintes. Faça cópias e distribua entre os grupos.

¹⁰ Hendriksen, *More than conquerors*, p. 40.

GRUPO 1 – Natureza

Deus advertiu Adão e Eva, ordenando que não comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal, e pôs querubins com espadas flamejantes na entrada do jardim do Éden, para guardar o caminho da árvore da vida (Gn 2.9, 17; 3.22, 24). Referências à árvore da vida não são encontradas apenas no início, mas também no final da revelação de Deus (Ap 2.7; 22.2, 14, 19). A linguagem simbólica do Apocalipse é evidente em 22.2: “dos dois lados do rio estava a árvore da vida, que produz doze tipos de fruto, dando seu fruto de acordo com cada mês do ano. E as folhas da árvore eram para curar as nações” (compare com Ez 47.12).

Deus ordenou a Elias que ficasse no monte Sinai porque o Senhor estava prestes a passar. Passou um grande e forte vento, um terremoto fez a montanha estremecer e houve um fogo, mas Deus não estava em nenhum deles. Ele apareceu como voz mansa (1Rs 19.11-12). O livro de Apocalipse está repleto de expressões simbólicas relacionadas à natureza, incluindo um forte vento (6.13; 7.1), um terremoto (8.5; 11.19; 16.18), um fogo intenso (8.7; 20.9) e um período de silêncio (8.1).

Jesus instituiu os sacramentos do batismo com água e da Ceia do Senhor com pão e vinho. Seu corpo ferido e o sangue derramado simbolizam que o crente recebeu perdão, que foi reconciliado com Deus e que agora ele compartilha das riquezas e da glória eternas. Quando ensinou a respeito da lei, Jesus usou o símbolo do jugo (Mt 11.30). E quando Paulo descreve a armadura espiritual do cristão, ele fala dos calçados do evangelho da paz, do cinto da verdade, da couraça da justiça, do escudo da fé, da espada do Espírito, do capacete da salvação e da comunicação no Espírito (Ef 6.13-18). O autor do Apocalipse recorre ao simbolismo de uma voz como uma trombeta (4.1), de um mar de vidro (4.6), de um céu enrolado como um livro (6.14) e de um rio da água da vida (22.1).

GRUPO 2 – Pessoas e nomes

Muitas vezes, o Novo Testamento emprega nomes não como referência às pessoas como tais, mas à posição, a importância e o trabalho delas. Abraão, por exemplo, personifica o pai de todos os crentes; e Moisés, a lei de Deus (Lc 13.16; 19.9; 24.27). Moisés e Elias se juntam a Jesus no monte da Transfiguração, onde Moisés representa a lei; e Elias, os profetas (Mt 17.1-8). Paulo chama Adão de pai da raça humana (Rm 5.14; 1Co 15.22, 45), e Tiago retrata Jó como a encarnação da perseverança (Tg 5.11).

O Apocalipse de João registra nomes que ilustram a fidelidade (Antipas; 2.13), o engano (Balaão; 2.14) e a sedução (Jezabel; 2.20). Ele menciona Sodoma e o Egito como símbolos da imoralidade e da escravidão, respectivamente (11.8). Para ele, o monte Sião simboliza a nova Jerusalém, que descenderá dos céus como a morada para Deus e seu povo (Ap. 14.1; 21.2-3).

GRUPO 3 – Números

Já falamos sobre alguns números, mas, para abarcarmos o assunto por completo, devemos analisar também o significado específico dos números. Assim, o número *um* indica unidade, que, para os judeus, está codificada em seu credo: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt 6.4). *Dois* é o número de pessoas necessárias para validar um testemunho diante de um tribunal da lei; no Apocalipse (11.3), duas testemunhas são os representantes de Deus da igreja na terra. O número *três* descreve o Deus trino (1.4-5). *Quatro* se refere à criação de Deus, como evidenciado pelas quatro direções do vento e as quatro estações do ano. O *cinco* é um número redondo e, por isso, não tem um significado simbólico muito grande. Assim, cinco meses (9.5, 10) indicam um período de duração indefinida. *Seis* simboliza a tentativa de Satanás de alcançar a completude, mas sem nunca conseguir atingi-la; daí o número da besta ser um seis triplo (Ap 13.18). Em todas as Escrituras, mas especialmente no Apocalipse, *sete* significa completude. O número *dez* representa a plenitude no sistema decimal, o número *doze* exemplifica a perfeição e o número *mil* evoca a multidão. Portanto, o número *12 mil estádios* que descreve o comprimento, a largura e a altura da nova Jerusalém, está relacionado à perfeição na forma de um cubo (21.16). O cubo possui doze arestas, ou seja, quatro no topo, quatro na base e quatro nos lados. Uma aresta mede 12 mil estádios, que, multiplicados por doze, resulta em 144 mil estádios. A espessura ou altura dos muros da cidade mede 144 cúbitos, que equivalem a 12 ao quadrado. Finalmente, cada uma das doze tribos de Israel consiste de 12 mil, totalizando 144 mil (7.4-8), que também é o número dos remidos que estão diante do Cordeiro (14.1, 3).

O número de cavaleiros destruídos pelos quatro anjos era 200 milhões (9.16). Esse número simboliza um exército incalculável de homens e cavalos, identificado como forças opostas a Deus, a seu Ungido e a seu povo. Os anjos são enviados para destruir essas forças, e um terço da humanidade é morta. O emprego da expressão “tempo, tempos e uma metade do tempo” (12.14) corresponde a 42 meses ou 1.260 dias (11.2-3; 12.6; 13.5). A expressão “tempo, tempos e uma metade do tempo” provém de Daniel 7.25, que se refere a um período de três anos e meio. Os números claramente transmitem uma mensagem simbólica, pois ninguém é capaz de identificar com precisão a data da consumação.

GRUPO 4 – Cores

As cores mencionadas por João em Apocalipse são o branco, o vermelho (6.4; 12.3), o escarlata (17.3-4; 18.12, 16), o preto (6.5, 12), o pálido e o verde (6.8; 8.7), o azul (9.17), o amarelo (9.17) e o púrpura (17.4; 18.12, 16). O dourado é outra cor; nesse livro, ocorre inúmeras vezes, seja como adjetivo descritivo, seja como substantivo.

No caso de algumas cores mencionadas nas Escrituras, o contexto parece fornecer um significado simbólico. O branco, por exemplo, é a cor que indica santidade, pureza, vitória e justiça. Deus disse ao povo de Israel: “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1.18; veja Sl 51.7); em sua transfiguração, as vestes de Jesus se tornaram resplandecentes, brancas como a neve (Mc 9.3); e o anjo do Senhor no túmulo de Jesus estava vestido de branco (Mt 28.3). Do mesmo modo, no Apocalipse, as roupas dos santos no céu são brancas (4.4; 6.11; 7.9, 13-14; compare com 3.4-5, 18). O cavaleiro branco é vitorioso e vem acompanhado por anjos em vestes brancas e cavalos brancos (6.2; 19.11, 14). O Filho do Homem, assentado sobre uma nuvem branca com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice na mão, aparece como conquistador vitorioso que ceifa a seara (14.14); e, por fim, o trono de Deus é branco para expressar juízo e justiça (20.11).

O vermelho é a cor da guerra, evidenciado pelo sangue derramado na terra quando o cavaleiro do cavalo vermelho ostenta sua grande espada (6.4). O dragão vermelho está preparado para matar todos os filhos homens ao nascerem e trava guerra contra o arcanjo Miguel e seus anjos (12.3, 7-9).

O preto representa a fome, ilustrada pelo preço extremamente inflacionado de alimentos: “Um quarto de trigo por um denário [o salário de um dia de trabalho] e três quartos de cevada por um denário, mas não danifique o azeite e o vinho” (6.6). O preto também representa a escuridão, quando o sol deixa de fornecer a sua luz (Is 13.10; Mt 24.29; Ap. 6.12).

Das cores que João menciona no Apocalipse, o branco, o vermelho e o preto são as mais notáveis. Enquanto a cor púrpura indica riqueza (18.16), o dourado indica a perfeição do céu (21.18, 21). Outras cores ocorrem raramente nesse livro, e seu contexto não esclarece seu uso.

GRUPO 5 – Criaturas

João escolheu inúmeros representantes do mundo animal para ilustrar certos conceitos. Os animais de quatro patas incluem um cavalo para montaria (6.2-9), um cordeiro para o abate (5.6), um leão por sua boca devoradora (13.2), um urso por suas patas poderosas (13.2), um boi por sua força (4.7) e um leopardo por sua velocidade (13.2). Os répteis são uma serpente que representa Satanás (12.9, 15; 20.2), um escorpião por causa de seu aguilhão (9.3, 5, 10) e sapos que representam espíritos do mal (16.13). Os pássaros são os abutres que se alimentam de cadáveres (19.17-18) e a águia com sua grande envergadura (8.13). Entre os insetos encontramos os gafanhotos que representam o flagelo (9.3). Todas essas criaturas contribuem cada uma do seu jeito para o simbolismo do Apocalipse.

Quadro para você ver como muitos símbolos do livro de Apocalipse estão presentes no AT. Com ele você poderá aprofundar-se nessa questão. Se julgar conveniente, você pode apresentar alguns exemplos no decorrer da lição (seção 4). Mas lembre-se: não é necessário expô-lo aos alunos, ele é para o seu aperfeiçoamento.

O Apocalipse está imerso nos pensamentos e figuras do Antigo Testamento. Mencionemos apenas algumas passagens que, ao menos quanto à forma, seguem padrões e se baseiam no que encontramos no Antigo Testamento.

	APOCALIPSE	ANTIGO TESTAMENTO
Capítulo 1	A descrição do Filho do homem.	
Capítulo 2		Note expressões como “árvore da vida”, “paraíso de Deus”, “Balaão” e “Balaque”, “Jezabel”, “vara de ferro”.
Capítulo 3	O livro da vida. A chave de Davi.	Êx 32.33; Sl 69.28; Mt 3.16 Is 22.22
Capítulo 4	Um trono no céu. Os quatro seres viventes.	Is 6.1; Ez 1.26,28 Ez 1.10; 10.14
Capítulo 5	O rolo. O Leão da tribo de Judá.	Ez 2.9; Zc 5.1-3 Gn 49.9; Is. 11.10
Capítulo 6	Os cavalos e seus cavaleiros.	Sl 45.3, 4; Zc 1.8; 6.3
Capítulo 7	Servos de Deus selados na fronte. A bênção dos redimidos.	Ez 9.4 Is 49.10; 25.8; Jr 20.13; 31.16; Ez 34.23
Capítulos 8 e 9	As trombetas de juízo.	Êx 7ss.: as pragas.
Capítulo 10	O testemunho juramentado do anjo. O livro pequeno.	Dn 12.7 Ez 2.9; 3.3
Capítulo 11	A vara de medida. As duas testemunhas.	Ez 40.3; Zc 2.1ss. Zc 4.2ss.
Capítulo 12	A mulher, o filho e o dragão. O anjo Miguel.	Gn 3.15 Dn. 10.13,21; 12.1
Capítulo 13	A besta que surge do mar.	Dn 2.31; 7.3
Capítulo 14	A nuvem branca; Filho do homem. O lagar.	Dn 7.13; 10.16
Capítulo 15	O cântico de Moisés.	Êx 15
Capítulo 16	Armagedom.	Jz 5; 2 Cr 35
Capítulos 17–19	A queda da Babilônia. O convite aos pássaros.	Is 13; 14; 21; 46; 47; 48; Jr 25; 50; 51; Dn 2; 7; Hb 3; compare também Ez 27, a queda de Tiro. Ez 39.17-20
Capítulo 20	Gogue e Magogue. Os livros do juízo.	Gn. 10.2; Ez 38; 39 Dn 7.10; 12.1; Sl 69.28
Capítulo 21	O novo céu e a nova terra. A nova Jerusalém.	Is. 65.17ss.; 66.22ss. Ez 48.30ss.
Capítulo 22	O rio das águas da vida e a árvore da vida.	Gn 2; Ez 47.1-12